



## AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Aline Lorandi<sup>1</sup>  
Carina Rebello Cruz<sup>2</sup>  
Ana Paula Rigatti Scherer<sup>3</sup>

### 1. Os estudos sobre aquisição da linguagem

Estudar aquisição da linguagem significa buscar entender como um indivíduo passa de não-falante a falante de sua língua materna ou de uma segunda língua. Historicamente, estudiosos de diversas áreas procuram entender de que forma acontece esse processo instigante e encantador que permite ao homem o desenvolvimento de sua capacidade linguística e comunicativa.

### 2. A história e as teorias dos estudos sobre aquisição da linguagem

Ingram (1989) divide os períodos de estudos sobre a aquisição da linguagem em três grandes momentos: o período dos estudos de diário (1876-1926), o período dos estudos com amostras amplas (1926-1957) e o período atual, de estudos longitudinais (a partir de 1957).

O período dos estudos de diário concentrou os primeiros passos em direção ao registro de dados de fala infantis, de forma pouco sistemática, mas de

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras; Professora Adjunta da Universidade Federal do Pampa; alinelorandi@unipampa.edu.br.

<sup>2</sup> Mestre em Letras; Fonoaudióloga na Escola Especial para Surdos – Frei Pacífico; Pesquisadora Assistente em Projeto de Pesquisa sobre Aquisição Bilingue Bimodal pela Universidade Federal de Santa Catarina; carinarebellocruz@terra.com.br.

<sup>3</sup> Doutora em Letras; Fonoaudióloga da SME Guaíba e Professora convidada dos cursos de Pós-Graduação da PUCRS, ULBRA e Faculdades Portal; anafono@pop.com.br.



grande importância, já que indicam não só um olhar sobre a fala não-adulta e, conseqüentemente, para fenômenos de aquisição da linguagem, como também um voltar-se para a criança enquanto sujeito de pesquisa, o que significa valorizá-la. É sabido que a atenção dirigida à criança enquanto ser inserido social, econômica, emocional e culturalmente no mundo é relativamente recente. Conseqüentemente, também o são os estudos que consideram crianças como sujeitos de pesquisa. Os registros de diário eram feitos, normalmente, pelos pais das crianças, em geral psicólogos interessados no desenvolvimento infantil, e consistiam de anotações sobre todo tipo de comportamento – palavras, atitudes, primeiros passos, dentre outras observações. Esses estudos não eram inteiramente voltados à aquisição da linguagem e também não apresentavam qualquer base teórica para explicação de fenômenos, já que não havia intenção de fazê-lo. Esse tipo de estudo, entretanto, forneceu – e continua fornecendo – importantes dados sobre o desenvolvimento infantil analisado longitudinalmente, já que as crianças eram acompanhadas ao longo dos anos.

Por serem os estudos de diários assistemáticos e por levarem em consideração poucos informantes, impossibilitando generalizações sobre dados, um novo momento nos estudos sobre aquisição da linguagem ganhou ênfase – o de estudos com amostras amplas. Fortemente ancorados em uma tradição cientificista, os estudos com amostras amplas buscavam um número expressivo de informantes, sem pretensão de acompanhar o seu desenvolvimento na linguagem, mas com o objetivo de coletar dados que permitissem fazer induções e, dessa forma, traçar um perfil do comportamento considerado normal para crianças. Situa-se sob esse escopo de estudos o chamado behaviorismo (ou comportamentalismo), corrente teórica da psicologia que estuda o comportamento humano por meio da observação do mesmo. Para os behavioristas, inspirados em fundamentos empiristas, apenas o que é observável pode ser descrito e/ou estudado. Um estudo que marca esse período em termos de estudos sobre a aquisição da linguagem é o de Skinner, que, em 1957, publica um valioso volume



com importantes considerações sobre como a criança adquire uma língua. Sob essa perspectiva, todo comportamento – incluindo a linguagem – acontece por meio de respostas dadas a uma série de estímulos. Hoje em dia, sabe-se que essa explicação é um tanto simplista. Entretanto, esse momento dos estudos sobre aquisição da linguagem legou para os estudos atuais o rigor científico com que se deve investigar qualquer fenômeno científico.

Todavia, ainda faltava explicar o processo da aquisição da linguagem, de forma a analisar, interpretar e explicar esse fenômeno não só pelo que é observável na fala, mas pelo mecanismo que subjaz a esse processo. Fazia-se necessário embasamento teórico que respaldasse essa demanda e, também, um acompanhamento da aquisição da linguagem pelos indivíduos.

Em seu notável ensaio *A Review of Skinner's Verbal Behavior*, publicado em 1959, Chomsky argumenta que a aquisição de uma língua não pode ser explicada simplesmente como resposta a estímulos, já que as crianças produzem palavras e sentenças que não constam em seu *input* linguístico, ou seja, que não pronunciadas por seus pais ou pelas pessoas de seu convívio. Dessa forma, esse importante linguista americano hipotetiza que o ser humano é dotado de uma faculdade específica – a faculdade da linguagem –, situada na estrutura mente/cérebro, que possibilita a qualquer ser humano desenvolver linguagem, desde que exposto a um *input* linguístico. Essa faculdade é inata, hereditária, inerente ao ser humano e, também, o que o distingue dos demais seres vivos.

Com a instauração da Teoria Gerativa, de Chomsky, e com o desenvolvimento de pesquisas em aquisição da linguagem, foram aprimorados os métodos de pesquisa e coleta de dados, e os estudos longitudinais, terceiro e atual momento dos estudos sobre aquisição da linguagem, passaram a ser os eleitos, já que, por meio desse tipo de pesquisa, é possível acompanhar o trajeto que a criança percorre até atingir o alvo – sua língua materna. Chomsky ressalta a importância de os estudos contemplarem uma adequação descritiva e também explanatória, já que a descrição, por si, não explica um fenômeno, mas é o



caminho para que isso seja feito. Assim, também os estudos em aquisição da linguagem passaram a buscar o rigor científico-metodológico da tradição behaviorista, aliado ao embasamento teórico na explicação dos fenômenos evidenciados pelos dados.

Com a revolução científica nos estudos da linguagem ocasionada pela Teoria Gerativa, autores buscaram, também, outras explicações para a aquisição da linguagem.

Além das considerações tecidas acerca de behaviorismo e do gerativismo, outras informações podem ser destacadas sobre essas teorias e outras vertentes teóricas, utilizadas na explicação de como uma criança adquire sua língua materna, podem ser exploradas.

A linha construtivista, por sua vez, segue os preceitos do psicólogo suíço Piaget, que estudou a linguagem como parte do desenvolvimento cognitivo. Piaget, a partir da observação de seus filhos, propõe quatro estágios de desenvolvimento, e a aquisição da linguagem estaria incluída nesses estágios. De forma especial estão relacionados à aquisição da linguagem os períodos sensório-motor (do nascimento ao segundo ano de vida), em que se dá a noção de permanência do objeto, e pré-operatório (dos dois aos sete anos), em que inicia a função simbólica e representativa, importante para a aquisição da linguagem. Em seguida, a criança passaria pelos estágios: operatório concreto e de operações formais, sendo que cada um deles abrange determinadas etapas do desenvolvimento cognitivo pelas quais todo ser humano passa. Para esse teórico, a criança desenvolve a linguagem em seu contato com o meio em que vive, e a constrói assim como constrói qualquer conhecimento – por meio dos mecanismos de assimilação e acomodação<sup>4</sup>. A criança passa por um momento de fala egocêntrica, que corresponde pelo momento psicológico que está vivenciando,

---

<sup>4</sup> Para maiores informações acerca dos períodos de desenvolvimento propostos por Piaget e sobre os mecanismos de assimilação e acomodação, sugere-se a leitura de *A Linguagem e o Pensamento da Criança*. Trad. Manuel Campos. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959. 307 p., desse autor.



em que ainda não consegue enxergar-se como ser dissociado do mundo. Quando a criança cresce, essa fala egocêntrica desaparece.

Em estudos voltados para a questão da interação social em que está envolta a linguagem, muitos autores buscaram apoio nas ideias de um importante psicólogo russo – Lev Semionovitch Vygotsky. Esse teórico construiu sua teoria com base no desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo sócio-histórico, enfatizando o papel da linguagem e da aprendizagem nesse desenvolvimento. A questão central de sua teoria é a aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o meio<sup>5</sup>. Essa teoria, conhecida como sociointeracionista, leva em consideração não o produto da fala da criança ou de seu cuidador, mas a relação dialógica que se instaura entre os dois, em seus papéis de falante e de interlocutor.

A partir dos anos 1980, um novo tipo de explicação para a aquisição da linguagem ganha força: o conexionismo. Com o notável progresso tecnológico e o avanço no desenvolvimento de computadores, teóricos passaram a investir no conhecimento sobre as funções do cérebro envolvidas nesse processo. Como ainda não havia instrumentos eficazes para a verificação do funcionamento do cérebro em si, os primeiros trabalhos conexionistas buscavam uma simulação desse funcionamento em computadores. A ideia era simular o comportamento das sinapses neuronais na aquisição e no registro dos conhecimentos. Hoje em dia, estudos conexionistas dispõem de meios aprimorados para pesquisas. Já é possível, por exemplo, mapear o imageamento das partes do cérebro envolvidas em construções semânticas ou que ficam prejudicadas em um paciente que não consegue nomear objetos, em função de um AVC<sup>6</sup>. A hipótese conexionista para a aquisição da linguagem, em suma, é a de que o processo ocorre por meio de formação de redes sinápticas que são reforçadas ou não de acordo com a frequência de uso das estruturas linguísticas.

---

<sup>5</sup> Para informações mais aprofundadas, sugere-se a leitura de *Pensamento e Linguagem*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 194 p.

<sup>6</sup> Acidente vascular cerebral.



A linha mais atual de estudos sobre como a criança adquire sua língua é a Teoria da Otimidade. Desenvolvida por Prince e Smolensky (1993) e por McCarthy e Prince (1993), linguistas norte-americanos, essa teoria busca explicar a gramática das línguas naturais por meio do ranqueamento de restrições universais. Ancorada na tradição gerativa, embora alie a noção conexionista de análise em paralelo, a Teoria da Otimidade propõe uma noção de Gramática Universal que contém não mais princípios universais, mas restrições que são violáveis. Assim, candidatos a *output* efetivos de uma língua são avaliados por meio dessas restrições e escolhidos em função de serem mais harmônicos que outros, já que também os *outputs* considerados “ótimos” podem violar restrições. Essas restrições podem exigir fidelidade entre forma de *input* e de *output* ou proibir estruturas marcadas nas línguas do mundo. As gramáticas das línguas diferem entre si devido ao ranqueamento dessas restrições universais. Sob essa perspectiva, adquirir uma língua significa adquirir o correto ranqueamento de restrições para a língua em questão. Para isso, a teoria dispõe de algumas propostas de algoritmo<sup>7</sup>, o qual prevê as restrições que serão demovidas, promovidas, que dividirão estratos nas gramáticas que a criança constrói até chegar à gramática-alvo.

Atualmente também a neurociência traz grandes contribuições para a relação entre linguagem e cérebro, a qual poderá explicar, com base no processamento cerebral, como de fato acontece a aquisição da linguagem. Correntes teóricas ligadas à neurociência, tal como o Neuroconstrutivismo (KARMILOFF-SMITH, 1998, 2006, 2009, 2010), que aproveita noções do construtivismo como o papel ativo da criança na sua aprendizagem e o fato de que as estruturas cognitivas são emergentes, e não inatamente especificadas, afirmam que a linguagem não é lateralizada desde o nascimento, mas torna-se especializada e localizada com o tempo. Um estudo de Mills, Coffey-Corins e Neville (1997) indica que a compreensão de palavras vai do processamento

---

<sup>7</sup> Tais como as de Tesar e Smolensky (1998) e de Boersma e Hayes (2001).



bilateral entre 13 e 17 meses ao processamento lateralizado aos 20 meses. Essa teoria depõe, por exemplo, contra a ideia de que a capacidade para a linguagem seja inata.

Saussure, pai da Linguística, diz que o ponto de vista cria o objeto. Os estudos sobre a aquisição da linguagem definem objetos diferentes de acordo com o ponto de vista de que partem. Em outras palavras, pode-se escolher a linha teórica que melhor explica os dados que estamos analisando, mas, por outro lado, também os pressupostos teóricos definem o objeto de análise, já que partem, muitas vezes, de concepções bem diferentes de linguagem, como se pôde observar nas descrições dos diferentes paradigmas teóricos apresentados nessa seção.

Em seguida, comentar-se-á mais detalhadamente sobre a aquisição da linguagem e sobre estudos atuais da área.

### **3. Aquisição da linguagem e interfaces**

A aquisição da linguagem é um estudo de interfaces, já que implica estudar uma teoria que explique o fenômeno da aquisição e, também, escolher um ângulo da linguagem para explicar, observar, descrever e, posteriormente, explicar, visto que é humanamente impossível estudar todos os aspectos da linguagem de uma só vez.

É possível estudar a aquisição de subsistemas gramaticais da língua, tais como o fonológico, o morfológico, o sintático, o lexical ou o semântico, a partir de uma concepção formal da linguagem. Sob esse prisma, ancoram-se os estudos no que já há descrito na língua sobre o subsistema em análise, observam-se dados da fala ou deduzem-se hipóteses a partir da intuição do linguista, e explica-se, via teoria de aquisição da linguagem, como esse subsistema é adquirido pela criança.

Pode-se optar por estudos que considerem o uso da língua e, sob essa perspectiva, a análise de dados da fala é imprescindível. Estudos muito recentes,



tais como o da aquisição de regras variáveis (ROBERTS; LABOV, 1995; ROBERTS, 1997, 2002, 2005), embasados na Teoria da Variação laboviana, ou da aquisição do aparelho formal da enunciação, a partir da Teoria Enunciativa de Benveniste (SILVA, 2007), são exemplos de estudos que envolvem o uso da língua pela criança. Sob uma perspectiva interacionista, a partir de teóricos como Vygostky, Bruner ou Milner, é possível entender como a criança constrói a linguagem por meio das relações dialógicas e sociais que estabelece com outros falantes da língua, enveredando-se em explicações psicológicas da utilização da fala pela criança.

A linguagem também pode ser estudada a partir de suas diferentes modalidades: oral, sinalizada e escrita. Este artigo debruça-se sobre essas três modalidades. Esta primeira parte traz estudos sobre a aquisição da linguagem oral considerada normal, precedendo as informações sobre a modalidade sinalizada e a modalidade escrita, todas objetos de estudo da Linguística.

Outras possibilidades são os estudos sobre desvios na aquisição da linguagem (aquisição atípica) ou a aquisição de línguas estrangeiras (L2, L3, Ln).

A próxima seção segue com algumas considerações sobre a aquisição da língua oral.

#### **4. Aquisição da modalidade oral da linguagem**

Entende-se que a criança com desenvolvimento considerado normal, durante o processo de aquisição, procure no *input* pistas fonético-fonológicas que lhe forneçam informações sobre as estruturas da língua: segmentação de palavras, de sílabas, de sintagmas, de enunciados. Com o passar do tempo e a partir do contato com a língua, a criança refina seu conhecimento e passa a fazer segmentações mais rebuscadas, a construir estruturas mais complexas e, posteriormente, a pronunciar-se metalinguisticamente sobre esse conhecimento.

Os estudos longitudinais da aquisição da linguagem, que propiciam acompanhar o processo ao longo dos anos de vida da criança, permitiram definir





etapas desse processo. Ingram (1989) identifica cinco grandes etapas gerais do processo de aquisição da linguagem: de 0 a 1;0, há um período de desenvolvimento pré-linguístico<sup>8</sup>, de 1;0 a 1;6<sup>9</sup>, a criança evidencia um período dos enunciados de uma só palavra (que podem significar sentenças inteiras<sup>10</sup>); de 1;6 a 2;0, aproximadamente, começa o período das primeiras combinações de palavras, e, assim, começa a aquisição dos subsistemas sintático e morfológico da língua; em seguida, surge o período de sentenças simples; e, posteriormente, a criança passa a desenvolver o período de sentenças complexas, atingindo a língua-alvo. Os estudos até hoje realizados evidenciam que, por volta dos 8 meses, a criança mostra indícios de voltar-se para a fonologia da sua língua e, portanto, entende-se que a aquisição fonológica inicia; no segundo ano de vida, com as primeiras combinações de palavras, inicia a aquisição sintática e, devido ao tempo de contato da criança com a língua e ao seu conhecimento mais detalhado, segmentações internas à palavras começam a ser verificadas, o que sugere o início da aquisição morfológica. A aquisição lexical é um processo que se inicia com a produção das primeiras palavras e que se estende por toda a vida, já que o ser humano sempre aprende novas palavras. Assim, só poderemos definir o momento que a criança atinge a língua-alvo, considerando cada aspecto gramatical em particular. De modo geral, os estudos apontam que até os 5 anos de idade a criança já adquiriu a gramática de sua língua.

Nas seções subseqüentes, explicar-se-ão outras modalidades da aquisição da linguagem: a língua de sinais e a escrita.

## **5. Aquisição da modalidade sinalizada da linguagem**

---

<sup>8</sup> Estudos como os realizados sob a perspectiva neuroconstrutivista, entre outros, apontam para o fato de que o desenvolvimento pré-linguístico inicia ainda na vida intra-uterina, a partir do momento em que o feto começa a desenvolver capacidade auditiva.

<sup>9</sup> Ano; meses.

<sup>10</sup> Por exemplo, a criança pode dizer [pa'pato] para expressar seu desejo de calçar um sapato, para mostrar o sapato da mamãe, para indicar que o sapato caiu, dentre outras várias possibilidades.



Os estudos anteriormente referidos sobre a aquisição da linguagem foram desenvolvidos com crianças ouvintes filhas de pais ouvintes que utilizavam uma determinada língua oral. Estudos sobre o processo de aquisição da linguagem, por crianças surdas, na língua de sinais ainda são recentes, pois iniciaram após 1960, quando os primeiros estudos linguísticos sobre a língua de sinais foram publicados.

Os primeiros estudos linguísticos na língua de sinais foram publicados por William Stokoe, que analisou a *American Sign Language* (ASL), constatando que os sinais eram símbolos abstratos com uma complexa estrutura interior.

No *Dictionary Sign Language* (STOKOE, 1965) os itens lexicais foram organizados conforme três partes constituintes: localização, configuração de mão e movimento sendo realizada uma classificação conforme a análise da estrutura interna de cada sinal.

Stokoe observou que os sinais não eram imagens, mas símbolos abstratos e complexos, com uma complexa estrutura interior. Ele foi o primeiro, portanto, a procurar uma estrutura, a analisar os sinais, dissecá-los e a pesquisar suas partes constituintes. (QUADROS e KARNOPP, 2004, p.30).

Somente após 1960, foi comprovado que as línguas de sinais atendiam a todos os requisitos de uma língua legítima no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças (QUADROS e KARNOPP, 2004). Desde então estudos linguísticos sobre a língua de sinais, em diversos países, em várias línguas de sinais<sup>11</sup>, têm mostrado o quanto estas são expressivas e como têm complexidade linguística equivalente a que encontramos nas línguas orais.

---

<sup>11</sup> A língua de sinais não é universal, ou seja, não há apenas uma língua de sinais. Da mesma forma que ocorre com as línguas orais, cada país tem a(s) sua(s) língua(s) de sinais. No Brasil, há pelo menos duas línguas de sinais, a Língua de Sinais Brasileira (LSB), conhecida como LIBRAS e a língua de sinais utilizada por índios da tribo Urubu-Kaapor da selva amazônica.



A partir dos estudos linguísticos sobre a língua de sinais houve interesse dos pesquisadores em investigar sobre o processo de aquisição da linguagem por crianças surdas expostas a uma língua de sinais.

Os primeiros estudos sobre a aquisição da linguagem por crianças surdas envolveram a análise de produções de crianças surdas filhas de pais surdos que utilizavam a língua de sinais, pois esse grupo tinha *input* linguístico em condições similares às crianças ouvintes filhas de pais ouvintes, que utilizavam determinada língua oral. O processo de aquisição da linguagem por crianças surdas e ouvintes foi comparado em várias pesquisas (PETITTO, 1987; PETITTO; MARANTETTE, 1991; QUADROS, 1997) sendo constatado que o processo de aquisição da linguagem é análogo. Nesses estudos foi constatado que crianças surdas e ouvintes, quando em condições de *input* adequadas, apresentaram um processo de aquisição da linguagem esperado (normal), pois o processo de aquisição da linguagem independe da modalidade que a língua se apresenta: auditivo-oral (línguas orais) ou visuoespacial (línguas de sinais).

As crianças surdas, com *input* adequado, na língua de sinais, apresentam mesmos estágios nos mesmos períodos que as crianças ouvintes, na mesma faixa etária, desde o balbucio. Nos primeiros meses os bebês surdos e os ouvintes expressam-se através de sons e produções manuais. No entanto, as suas vocalizações e produções manuais são naturalmente diferenciadas conforme o *input* que recebem, na língua oral ou na língua de sinais. Além disso, as vocalizações ou as produções manuais são, gradualmente, aumentadas ou diminuídas em relação à frequência conforme a modalidade de língua a que os bebês estão expostos. Nos bebês surdos foram observados dois tipos de balbucio manual: a gesticulação, que não possui uma organização interna, e o silábico, que apresenta unidades que fazem parte do sistema fonético das línguas de sinais (PETTITO; MARANTETTE, 1991).

Dessa forma, as crianças surdas, que estão expostas à língua de sinais desde o nascimento, e as crianças ouvintes que estão expostas a uma língua



oral, no mesmo período: balbuciam nas suas respectivas modalidades de língua, adquirem suas primeiras palavras/sinais (por volta dos 12 meses), produzem suas primeiras combinações de palavras/sinais (por volta dos 2 anos), aumentam consideravelmente seu vocabulário e produzem frases com maior complexidade, por volta dos dois anos e meio a três anos (QUADROS, 1997)<sup>12</sup>.

O processo de aquisição normal da linguagem por crianças surdas, geralmente, ocorre com crianças surdas filhas de pais surdos que utilizam a língua de sinais com o bebê desde o nascimento. No entanto, cerca de 90% das crianças surdas não tem o acesso à língua de sinais desde o nascimento, pois nascem em lares que a língua oral é a utilizada, ou seja, são filhas de pais ouvintes que não utilizam a língua de sinais (MUSSELMAN, 2000).

As crianças surdas filhas de pais ouvintes nascem, portanto, em outro contexto linguístico que, frequentemente, não possibilita o acesso precoce à língua de sinais. Além disso, a surdez é percebida pelos pais em diferentes períodos e o diagnóstico é realizado tardiamente em muitas crianças.

No Brasil, a idade média de diagnóstico de Deficiência Auditiva está em torno de 3 a 4 anos (Silveira, 1992), podendo levar até dois anos para ser concluído, e desta forma, acarretar danos irreparáveis para a criança e onerar custos para a sociedade. Em 1994, num trabalho de tese desenvolvida por Nóbrega (1994) foi concluído que a confirmação diagnóstica de Deficiência Auditiva até 2 anos de idade ocorreu apenas em 13% dos pacientes estudados, embora 56% tenham sido suspeitados nesta fase. Assim, havia um tempo perdido de mais de 2 anos entre a suspeita clínica e a confirmação de Deficiência Auditiva (NÓBREGA, 1994; NÓBREGA; WECKX; NOVO, 1998; NÓBREGA, 2004 apud PÁDUA et al., 2005, p. 192).

O processo de aquisição da linguagem, na língua de sinais, por crianças surdas filhas de pais ouvintes pode ocorrer tardiamente, caso a criança seja exposta exclusivamente a uma língua oral.

---

<sup>12</sup> Quadros (1997) apresenta em detalhes os estágios de aquisição da linguagem por crianças surdas e várias pesquisas que descrevem aspectos específicos sobre a aquisição na língua de sinais.



Quando a criança surda é exposta exclusivamente a uma língua oral, não ocorre uma aquisição de forma natural. Para a aprendizagem da língua oral é indicada fonoterapia e a utilização de dispositivos auditivos adequados à perda auditiva, como aparelhos de amplificação sonora e/ou implante coclear.

O uso de dispositivos auditivos nem sempre possibilita que a criança tenha acesso completo às informações sonoras e, por isso, mesmo que realize fonoterapia, possivelmente, apresentará um processo de aquisição da linguagem compreensiva e expressiva, na língua oral, com atraso. Neste caso, a modalidade de língua (oral) não favorece o processo de aquisição da linguagem esperado para esta criança.

É importante que a criança surda tenha um processo de aquisição normal da linguagem em uma modalidade de língua que permita a recepção e a expressão de informações linguísticas de forma completa e acessível, possibilitando, à criança surda o seu desenvolvimento também em outras áreas, como: emocional, cognitiva, social e acadêmica.

Para que o processo de aquisição da linguagem na língua de sinais ocorra precocemente faz-se necessário que o diagnóstico da perda auditiva seja realizado o mais cedo possível.

Atualmente, já existem exames audiológicos que detectam a surdez em bebês, como o exame de Emissões Otoacústicas (EOA)<sup>13</sup>. Inclusive, recentemente foi sancionada pelo ex-Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva a Lei nº 12.303, de 2 de agosto de 2010<sup>14</sup>, que dispõe sobre a obrigatoriedade de realização do exame denominado Emissões Otoacústicas

---

<sup>13</sup> O método das EOA é simples e rápido. Pode ser aplicado durante o sono fisiológico, não requer sedação e colocação de eletrodos para realizar o exame. É consenso estabelecido pelo National Institute of Health (NIH) que a triagem neonatal seja feita com as EOA e os casos negativos sejam submetidos à segunda triagem confirmatória com o BERA. (BORGES et al., 2006).

<sup>14</sup> A Lei 12.303, de 2 de agosto de 2010, está disponível em:

<http://www.in.gov.br/visualiza/index.jsp?data=03/08/2010&jornal=1&pagina=1&totalArquivos=84>



Evocadas<sup>15</sup>, que será realizado gratuitamente, em todos os hospitais e maternidades, nas crianças nascidas em suas dependências.

Ao ser detectado algum grau de surdez, há possibilidade de o bebê realizar investigações mais precisas para determinar o tipo e grau de perda auditiva através de exames como: audiometria infantil, imitanciometria e/ou Potencial Evocado Auditivo de Tronco Encefálico (PEATE). Além disso, é muito importante que após a detecção da perda auditiva a criança surda e seus pais sejam encaminhados o mais cedo possível a locais que façam o acompanhamento da criança surda, em relação à linguagem, e dos seus familiares/cuidadores<sup>16</sup>.

Como cada criança é única, é necessário avaliar se a língua de sinais ou a língua oral será a mais indicada para promover o processo de aquisição da linguagem normal. Os pais participam desta decisão e, por isso, necessitam receber informações sobre a possibilidade de promover a aquisição da linguagem em uma língua oral ou de sinais para que o processo de aquisição seja o mais esperado (normal) possível.

Quando a aquisição da língua de sinais for selecionada, dispositivos auditivos poderão ser utilizados pela criança surda, contribuindo no processo de aprendizagem da língua oral, como segunda língua (abordagem bilíngue). Aos pais é indicada a aprendizagem da língua de sinais, possibilitando que a comunicação entre pais-filho não tenha barreiras, e para que a criança surda se sinta realmente integrada à família.

A necessidade de as crianças e de seus pais ouvintes terem o acesso à língua de sinais o mais cedo possível é ressaltada por Quadros (2005):

---

<sup>15</sup> O registro das Emissões Otoacústicas Evocadas (EOAs) é o mais novo método para a detecção de alterações auditivas de origem coclear. Consiste em método objetivo, relativamente simples, rápido, não invasivo, o qual dispensa o uso de eletrodos e que pode ser realizado em qualquer faixa etária, ressaltando-se sua aplicação em recém-nascidos (PIALARISSI; GATTAZ, 1997).

<sup>16</sup> Os pais/cuidadores, geralmente, têm muitas dúvidas em relação à surdez e sobre o desenvolvimento da criança surda, necessitando de orientações e/ou apoio de especialistas na área da surdez.



A partir desta compreensão, as crianças surdas precisam ter a chance de desfrutar do encontro surdo-surdo. Os pais ouvintes precisam descobrir este mundo essencialmente visual-espacial e conhecer a língua de sinais. As crianças surdas e seus pais ouvintes poderiam compartilhar o bilinguismo: língua portuguesa e língua de sinais brasileira e ir além, descobrindo os vieses das culturas e identidades que se entrecruzam.

Para os pais de crianças surdas que serão atendidas em uma abordagem bilíngue faz-se necessário disponibilizar informações sobre: os dispositivos auditivos que serão utilizados pela criança, estimulação da criança na área da linguagem, língua de sinais, os estudos sobre a aquisição normal da linguagem por crianças surdas e sobre aprendizagem de segunda língua. Também é importante que conheçam pais de crianças surdas que utilizam a língua de sinais (para trocas de experiências e/ou apoio), que conheçam adultos surdos que usam a língua de sinais<sup>17</sup> e que aprendam a língua de sinais com professores surdos.

Além disso, os pais devem ser informados sobre o processo de aprendizagem da língua oral, como segunda língua, que poderá se desenvolver de forma diferente para cada criança, pois depende de alguns fatores, como: grau e tipo de perda auditiva; tempo de experiência auditiva, se a criança perdeu a audição; idade que a criança iniciou o uso de dispositivos auditivos (aparelhos de amplificação sonora e /ou implante coclear); qualidade dos dispositivos auditivos; frequência com que a criança utiliza os dispositivos auditivos; realização de fonoterapia; estimulação da linguagem pelos pais; nível de linguagem compreensiva e expressiva na primeira língua (língua de sinais); motivação.

Os estudos sobre a língua de sinais e sobre a aquisição da linguagem por crianças surdas na língua de sinais contribuíram muito para comprovar que a capacidade para a aquisição da linguagem ocorre independentemente da modalidade que a língua se realiza (oral-auditiva ou visuoespacial). No entanto, para que as crianças surdas tenham a oportunidade de ter um processo de

---

<sup>17</sup> Conhecer adultos surdos que usam a língua de sinais e que estudam, trabalham, viajam, dirigem, namoram, casam, têm direitos e deveres como qualquer cidadão, etc. pode auxiliar a alguns pais a construir perspectivas de futuro para seu filho como sujeito capaz, e não como 'deficiente' ou 'doente'.



aquisição esperado (normal) da linguagem (compreensiva e expressiva) no momento, se fazem necessárias ações como: detecção precoce da perda auditiva, programa de atendimento aos pais que incluam informações sobre a língua de sinais e estudos sobre aquisição normal da linguagem por crianças surdas na língua de sinais, e o atendimento de estimulação/intervenção precoce às crianças surdas na língua oral e/ou na língua de sinais.

## **6. A aquisição da escrita**

Na história da humanidade a escrita surgiu posteriormente à fala. Sua descoberta foi mais recente e ocorreu por meio de evoluções que a fizeram aprimorar-se do desenho (fase pictográfica) até o sistema alfabético, um sistema que envolve um conjunto de símbolos que representam os sons da fala regido por determinadas regras.

Assim como na história da humanidade, a aquisição da escrita pelo indivíduo também passa por evoluções, levando ao aprendizado do sistema alfabético de escrita.

Conforme Ferreiro e Teberosky (1985), a escrita é um objeto simbólico, um significante que representa algo. Estudos sobre o desenvolvimento da escrita infantil revelam que, no início, a criança considera a palavra como parte do objeto e não como um símbolo, e que somente mais tarde ela se dá conta que um conjunto de letras pode ser um objeto substitutivo, um símbolo que pode representar algo (TEBEROSKY, 1990).

Os sistemas de escrita baseados na linguagem oral desenvolvem-se a partir das associações grafo-fonológicas, oferecendo uma verdadeira compreensão do relacionamento entre eles e a linguagem oral. Assim, como refere Morais (1997), o ato de escrever desenvolve-se à medida que a criança é capaz de compreender a relação que a fala mantém com a escrita e a forma como a primeira pode ser representada pela segunda.





A aquisição da escrita requer um ensino formal, enquanto que, para a aquisição da linguagem oral, é necessário somente que tais crianças sejam criadas em um ambiente estimulante, no qual a linguagem seja utilizada. O que torna o aprendizado da escrita mais difícil é o fato de que a articulação da linguagem oral não é composta de sons isolados, tornando a representação alfabética uma abstração.

Essa representação forma uma ponte com a linguagem falada e funde-se em unidades linguísticas maiores, com função lexical e gramatical, possibilitando o acesso a todo o vocabulário de uma língua. Esse processo de associação grafema-fonema, que exige o desenvolvimento de capacidades de análise e síntese de fonemas, é apenas uma das condições para se aprender a ler e escrever, pois também é necessário manipular a ortografia da língua (SANTOS e NAVAS, 2002).

As mesmas autoras também citam que a descoberta do fonema é a chave para a compreensão do princípio alfabético da escrita, e que

para chegar à descoberta do fonema o aprendiz necessita adquirir e desenvolver a consciência fonológica, uma competência metalinguística que possibilita o acesso consciente ao nível fonológico da fala e a manipulação cognitiva das representações neste nível, que é tanto necessária para a aprendizagem da leitura e da escrita como dela consequente.

Segundo Byrne (1995), as crianças desde muito cedo já são falantes bem sucedidos de sua língua nativa, porém, quando se deparam com a tarefa de ler e escrever, a situação é muito diferente. Isso porque a fala ocorre de modo relativamente contínuo e a grande tarefa do aprendiz de leitura é descobrir os elementos da fala contínua que correspondem aos elementos discretos da escrita alfabética. Essa tarefa relaciona-se diretamente com a habilidade da criança em consciência fonêmica.



É notável, portanto, a forte relação existente entre a consciência fonológica e a aprendizagem da escrita e da leitura, pois, para compreender o código escrito, é necessário refletir sobre os sons da fala e sua representação na escrita.

## 7. A psicogênese da língua escrita

Por meio da *Psicogênese da língua escrita*, Ferreiro e Teberosky (1985) propõem uma forma de explicar como a criança aprende a ler e a escrever. Ela passa por um processo que, para as autoras, “é o caminho que ela deverá percorrer para compreender as características, o valor e a função da escrita, desde que esta se constitua objeto de seu conhecimento”. As autoras baseiam-se nos estudos de Jean Piaget, tratando o aluno como um ‘sujeito cognoscente’, sujeito este que “aprende através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo e que constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo que organiza seu mundo” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p. 29).

Para as autoras, a alfabetização é um processo de construção, durante o qual a criança vai se apropriando da escrita à medida que interage com esta e com as pessoas que dela se utilizam. Esta interação não se dá apenas no momento em que a criança ingressa na escola, mas já ocorre no dia-a-dia quando se depara com situações de letramento.

Por meio de pesquisa realizada com crianças não alfabetizadas da classe média e baixa, Ferreiro e Teberosky (1985) puderam identificar estágios conceituais progressivos, de acordo com as hipóteses formadas pelas crianças, à medida que estas interagem com a escrita. Esses estágios são caracterizados em quatro níveis: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

Nível Pré-Silábico – Neste nível a criança não possui noção de que a escrita representa a fala. Não há correspondência sonora. Utiliza-se de alguns traços característicos da escrita: linhas retas e curvas e até alguns traçados que lembrem grafemas. É a fase chamada icônica. Os traços são dispostos de forma desordenada no papel, sem linearidade ou orientação convencional. A criança



utiliza o número de símbolos de acordo com o tamanho do objeto que está nomeando, exemplo disso é o caso da palavra 'BOI', que aparece com muitas letras; e da palavra 'FORMIGA', que aparece com poucas letras.

Dentro dessa mesma hipótese, há uma segunda etapa na qual a criança acredita que, para ler coisas diferentes, deve haver diferenças entre as escritas. Ela acredita em duas hipóteses: que deve existir um número mínimo de letras (nunca menos que três); e que deve haver variedade de grafismos. Neste nível, chamado de não-icônico, a criança utiliza-se de formas mais próximas às letras.

Nível Silábico – Neste nível há tentativa de representar com valor sonoro cada letra que compõe a escrita. Ela escreve uma letra para cada sílaba, mesmo não correspondendo com sonoridade, mas com o número de letras.

Exemplo: GATO □ O F

Na medida em que vai aprimorando sua hipótese, a criança começa a relacionar cada sílaba a uma letra com valor sonoro contido na palavra.

Exemplo: GATO □ G O; A T; G T; A O

Nível Silábico-Alfabético – Neste nível a criança abandona a hipótese puramente silábica e passa a analisar a palavra além da sílaba. Ela entra em conflito a respeito da quantidade de letras que deve usar para cada sílaba. Há oscilação entre escrita silábica e alfabética.

Exemplo: GATO □ GTO; ATO

MARTELO □ MATLO; MATEO

Nível Alfabético – Neste nível, a criança passa a entender que cada grafema corresponde a unidades sonoras menores que a sílaba. Ela passa a defrontar-se com as dificuldades ortográficas das palavras.



Exemplo: GATO □ GATU  
COMIDA □ CUMIDA  
CIRCO □ SIRCU

Essa classificação da evolução das hipóteses da escrita elaborada por Ferreiro e Teberosky (1985) despertou novos olhares de educadores e pedagogos a respeito de como as crianças veem a escrita. A ideia de que a criança era um ser passivo, que chegava à escola “vazia” de conhecimentos é substituída pela ideia de que a criança é um ser ativo, pois traz conhecimentos em relação à escrita e é capaz de elaborar suas próprias hipóteses de como ela funciona.

### Referências bibliográficas

BRASIL. Lei nº 12.303, de 2 de agosto de 2010. Dispõe sobre: *a obrigatoriedade de realização do exame denominado Emissões Otoacústicas Evocadas*. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, n. 147, de 3 de agosto de 2010. Seção 1. p.1. Disponível em:

<<http://www.in.gov.br/visualiza/index.jsp?data=03/08/2010&jornal=1&pagina=1&totalArquivos=84>> Acesso em: 05 Jan.2011.

BYRNE, B. Treinamento da consciência fonêmica em crianças pré-escolares: por que fazê-lo e qual o seu efeito? In: CARDOSO-MARTINS, C. (Org.). **Consciência fonológica e alfabetização**. Petrópolis: Vozes, 1995. Cap. 2, p. 37-67.

BOERSMA, P.; HAYES, B. Empirical Tests of the Gradual Learning Algorithm. **Linguistic Inquiry**, n. 32, p. 45-86, 2001.

BORGES, C.; MOREIRA, L.; PENA, G.; FERNANDES, F.; BORGES, B.; OTANI, B. Triagem auditiva neonatal universal. **@rquivos Internacionais de Otorrinolaringologia**, São Paulo, v.10, n.1, p. 28-34, 2006.

CHOMSKY, N. A review of Skinner's Verbal Behavior. **Language**, 35(1), 26-58, 1959.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **A Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

INGRAM, D. **First Language Acquisition**: method, description and explanation. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

KARMILOFF-SMITH, A. Development itself is the key to understanding developmental disorders. **Trends in Cognitive Sciences**, Vol. 2, No. 10, October, 1998.

\_\_\_\_\_. The tortuous route from genes to behavior: A neuroconstructivist approach. **Cognitive, Affective, and Behavioral Neuroscience**, 6 (1), 9-17. 2006.

LORANDI, Aline; CRUZ, Carina Rebello; SCHERER, Ana Paula Rigatti. Aquisição da163 linguagem. Verba Volant, v. 2, nº 1. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2011.



\_\_\_\_. Nativism Versus Neuroconstructivism: Rethinking the Study of Developmental Disorders. **Developmental Psychology**, Vol. 45, No. 1, 56–63, 2009.

\_\_\_\_. From Constructivism to Neuroconstructivism: The Activity-Dependent Structuring of the Human Brain. In press, 2010.

LENNEBERG, E. **Biological foundations of language**. New York: Wiley, 1967.

McCARTHY, J.; PRINCE, A. **Prosodic Morphology I: Constraint Interaction and Satisfaction**. Ms., University of Massachusetts, Amherst and Rutgers University. [ROA 3, 1993. <http://rucss.rutgers.edu/roa.html>].

MILLS, D.L., COFFY-CORINS, S. and NEVILLE, H. Language comprehension and cerebral specialisation from 13-20 months. **Developmental Psychology**, 13, 397-445. 1997.

MORAIS, A.P. **A relação entre consciência fonológica e as dificuldades de leitura**. São Paulo: Vetor, 1997.

MUSSELMAN, C. How do children who can't hear learn to read an alphabetic script? A review of the literature on reading and deafness. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, v. 5, n.1, 2000.

NÓBREGA, M. **Aspectos diagnósticos e etiológicos da deficiência auditiva em crianças e adolescentes**. 1994. Tese (Mestrado em Otorrinolaringologia) - Universidade de São Paulo/ Escola Paulista de Medicina, São Paulo. 1994.

\_\_\_\_. **Estudo da Deficiência Auditiva em crianças e adolescentes, comparando-se os períodos de 1990 a 1994 e 1994 a 2000**. 2004. Tese (Doutorado em Otorrinolaringologia) - Universidade Federal de São Paulo/ Escola Paulista de Medicina, São Paulo. 2004.

NÓBREGA, M; WECKX, L.L.M; JULIANI, Y; NOVO, N.F. Aspectos diagnósticos e etiológicos da deficiência auditiva em crianças e adolescentes. **Revista Paulista de Pediatria**. V.16, n. 1, p. 28-43, 1998.

PÁDUA, F.G.M.; MARRONE, S.; BENTO, R.F.; MAMEDE CARVALHO, R.M.; DURANTE, A.S.; SOARES, J.C; BARROS, J.C. R; LEONI, C.R. Triagem Auditiva Neonatal: um desafio para sua implantação. **@rquivos Internacionais de Otorrinolaringologia**, v.9, n.3, julho/setembro, 2005.

PETITTO, L. On the autonomy of language and gesture: Evidence from the acquisition of personal pronouns in American Sign Language. **Cognition**. Elsevier Science Publisher B.V., v.27, p. 1-52, 1987.

PETITTO, \_\_; MARENTETTE, \_\_. Babbling in the manual mode: Evidence for ontogeny of language. **Science**. American Association for the Advancement of Science, v.251, p. 1937-1556, 1991.

PIAGET. J. **A Linguagem e o Pensamento da Criança**. Trad. Manuel Campos. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959. 307 p.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. **Optimality Theory: constraint interaction in generative grammar**. Ms. Rutgers University, New Brunswick and University of Colorado, Boulder. [ROA nº 2, 1993. <http://rucss.rutgers.edu/roa.html>]



QUADROS, R.M. **As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na língua de sinais brasileira e reflexos no processo de aquisição.** 1995. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUCRS, Porto Alegre. 1995.

\_\_\_\_\_. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

\_\_\_\_\_. O 'bi' em bilinguismo na educação de surdos. In: FERNANDES, E. (Org.). **Surdez e bilingüismo.** Porto Alegre: Mediação, 2005.

QUADROS, R.M.; KARNOPP, L.B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROBERTS, J. Acquisition of variable rules: a study of (t, d) deletion in preschool children. **J. Child Language**, 24, p. 351-372. United Kingdom. Cambridge University Press, 1997.

\_\_\_\_\_. Child language variation. In: J. Chambers, N. Schilling-Estes, P. Trudgill (eds.). **Handbook of language variation & change.** Oxford: Blackwell, 2002.

\_\_\_\_\_. Acquisition of sociolinguistic variation. In: Martin Ball (ed.), **Clinical Sociolinguistics.** Oxford: Blackwell. 153–164, 2005.

ROBERTS, J.; LABOV, W. Learning to talk Philadelphian: acquisition of short a by preschool children. **Language Variation and Change**, 7, 101-112. Cambridge University Press, 1995.

SANTOS, M.T.M.; NAVAS, A.L.G.P. Aquisição e desenvolvimento da linguagem escrita. In: SANTOS, M.T.M.; NAVAS, A.L.G.P. (Org.). **Distúrbios de Leitura e Escrita – Teoria e Prática.** Manole: Petrópolis, 2002. Cap. 1, p. 1-26.

SILVA, C. L. C. **A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem.** 2007. 293 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SILVEIRA, J.A. M. **Estudo da Deficiência Auditiva em crianças submetidas a exames de potenciais auditivos: etiologia, grau de deficiência e precocidade diagnóstica.** 1992. Tese de Doutorado. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

SKINNER, B.F. **Verbal behavior.** Cambridge, MA: Prentice Hall; 1992.

STOKOE, W.C. **Sign Language structure.** Silver Spring: Listok Press. [1960] 1978.

\_\_\_\_\_. **A dictionary of American Sign Language on linguistics principles.** 2ª ed. Silver Spring, MD: Linstok, [1965] 1976.

TEBEROSKY, A. **Psicopedagogia da Linguagem Escrita.** 2ª ed. São Paulo: Trajetória Cultural; Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

TESAR, B.; SMOLENSKY, P. Learnability in Optimality Theory. **Linguistic Inquiry** 29: 229–268, 1998.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem.** Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 194 p.



**Resumo.** Definir o que uma criança adquire durante o processo de aquisição de uma língua parece tarefa simples, mas, assim como há diferentes formas de se abordar o estudo das línguas, diferentes olhares podem ser lançados para o processo de aquisição. Este trabalho visa a uma reflexão acerca desses olhares, abordando temas, teorias e trabalhos desenvolvidos sobre aquisição de língua materna em suas modalidades oral, escrita e sinalizada, com o objetivo de explorar alguns aspectos básicos dos estudos sobre aquisição da linguagem, procurando mostrar diferentes possibilidades de abordagem desses estudos.

**Palavras-chave:** aquisição da linguagem; linguagem oral; língua de sinais; escrita.

**Abstract.** Finding out what a child acquires during the language acquisition process seems a simple task, but as there are different ways to deal with the study of languages, there are different ways to look at the language process. This work thinks about this different ways, presenting subjects, theories, studies about language acquisition in its verbal, written and sign modalities, with the goal of exploring some basic aspects of the language acquisition studies, showing different possibilities of approaches these studies.

**Key-words:** language acquisition; verbal language; sign language; written language.